

A Segunda-feira que abalou o Bom Retiro⁴⁹

ANNA VERÔNICA MAUTNER

O ideal pioneiro (*chalutziano*) de proletarização e ruralização materializou-se em São Paulo no fim de semana de 1º de maio de 1950. Tinha sido marcada uma *haflagá**, em que os líderes do Dror discutiriam ideologia. Esta se referia ao sionismo, nosso dogma de fé, e também ao socialismo e às nossas ligações com o movimento kibutziano. Era comum os dirigentes se reunirem para esclarecer, em infundáveis discussões, os lemas que norteavam nossa ação. O movimento como tal era muito jovem. O Estado de Israel tinha pouco mais de dois anos, se bem que o movimento pioneiro (*chalutziano*) europeu viesse do século passado. Mas o Dror era novo no Brasil e poucos de nós tínhamos realizado o ideal de *aliá** dentro do movimento. Se nossos jovens fizessem curso superior, atrasaria a ida para Israel. Imagino que se temesse também que a vida universitária e o movimento estudantil pudessem atrair alguns dos nossos, desviando-os do nosso ideal.

Éramos jovens de origens muito variadas. Encontrávamos nos movimentos juvenis um espaço de interação que praticamente não existia fora dos movimentos. A Hebraica ainda não era a Hebraica, o Macabi atendia um segmento pequeno da população, escolas judaicas ainda não existiam ou estavam apenas começando e o Círculo era só baile. Os anos de 1950 estavam impregnados de um denso idealismo. Muitos jovens acreditavam e seguiam ideais de esquerda. Os congressos da juventude, os congressos de paz organizados pelos partidos comunistas de todo o mundo atraíam amplos segmentos da população intelectual de todo o mundo. No caso dos movimentos judaicos, somava-se o idealismo de esquerda ao sonho de fazer o Estado de Israel. Mas todos nós, quer fôssemos filhos ou netos de imigrantes da Europa ou da África, participávamos dos primórdios da modernização do Brasil. Para a classe

⁴⁹ Publicado pela primeira vez no *Caderno Cultural, Na'amat Brasil*, nº 8, São Paulo, novembro 1995, p. 21-24.

média, isto significava almejar um diploma de curso superior. Orientávamo-nos, naturalmente, para a universidade e conseqüente ascensão social. As faculdades eram menos numerosas, e conquistar uma vaga era bastante difícil. Alguns dos nossos militantes, dentre os mais velhos, cursavam faculdades nobres, como medicina, engenharia, arquitetura. Outros apenas terminavam o colegial.

Em torno de 1º de maio os jovens chegam à sinagoga da Lapa, que tinha sido cedida para esta reunião.⁵⁰ Eu não deveria ter participado. Era uma reunião para as lideranças e especialmente para aqueles que já estavam na universidade ou estavam se preparando para entrar. Eu era uma pirralha e participava só porque morava no vizinho e tinha a missão de fazer comida e cuidar da infraestrutúra, repondo papel higiênico, sabonete etc. A curiosidade não me permitiu não acompanhar as discussões. De alguma maneira eu sabia tratar-se de um momento histórico. Eu não posso garantir se eram 20, ou 30, ou 40 jovens lá reunidos, moços e moças. Mas tenho certeza de que ninguém se entediou. A proposta do líder carismático Bernardo Cymeryng (Dov Tsamir) era assustadora e instigante. “Israel não precisa de doutores, e sim de técnicos e operários. Nós vamos largar nossas escolas, orientar os mais jovens para não fazer colegial e sim cursos técnicos. Os que já estiverem na universidade devem largar.”

A guerra na Europa mal tinha acabado, e a comunidade judaica no Brasil apenas começava a enriquecer. Existiam alguns industriais ou comerciantes poderosos entre nós, mas eram poucos. Nos bairros – Ipiranga, Santana, Lapa, Brás, Santo André, Mooca etc. – nós éramos classe média. Pequenos comerciantes. Levávamos uma vida simples. Poucos tinham automóvel, alguns nem telefone tinham, mas os filhos deviam estudar. Fazer curso superior era o sonho. Ter um filho “*doktor*” era o sonho de todas as famílias. As formaturas eram um grande evento e os rapazes formados eram disputados pelas moças. Conforme os jovens iam se casando, iam mudando para o centro: Bom Retiro, Campos Elíseos, Santa Cecília e, bem mais tarde, Higienópolis. Os alunos mais bem-dotados procuravam estudar no Roosevelt, Caetano de Campos, escolas do Estado de altíssima qualidade. Não menos importante eram as escolas particulares como Bandeirantes, Mackenzie ou Rio Branco. Durante os estudos, os jovens iam se acostumando com os bairros mais centrais e quando casavam iam morar ali.

E de repente, lá na Lapa, um bando de jovens de menos de 20 anos decide atropelar o sonho, que era tanto dos pais quanto dos próprios filhos. Israel não precisava da realização deste sonho. Tivemos que voltar aos tempos de nossos avós, que eram artesãos. Era quase impossível romper a coesão do grupo ali na Lapa durante o famoso “Seminário”. A orientação vinha de Israel e era uma espécie de imitação do movimento pioneiro (*chaltziano*) europeu.⁵¹ Não podíamos falhar em nossa lealdade com esta pátria recém-nascida, há tantos mil anos sonhada. Eram milênios de sonhos e expectativas que cabia a nós realizar. Era muito difícil defender o interesse pessoal

⁵⁰ Veja “Seminário da Lapa” no glossário.

⁵¹ Veja opinião oposta de Evyatar (Sigue) Friesel, que também participou do “Seminário da Lapa”, nas suas memórias nesta coletânea.

em detrimento da pátria amada, nem que este interesse fosse a mãe, a família. Não sem choros e velas, ao fim da reunião, os jovens pareciam ter acatado a direção. Mas não era só este o sacrifício esperado. Quando fosse dada por encerrada a reunião, cada um tinha que ir para a sua casa e enfrentar sua própria família. Foi assim que na manhã seguinte, a comunidade judaica tremeu. Esse “tremeu” é muito geral. Muitos pais desejavam que os filhos fossem verdadeiros pioneiros (*chalutzim*). Não faziam questão do diploma. Estes tremeram de júbilo. Mas a maioria, mesmo os sionistas, desesperaram-se diante da decisão.

O fato de os jovens terem passado o fim de semana reunidos na Lapa não causou estranheza nas nossas casas, pois nós viajávamos muito nos fins de semana. Íamos para o campo nos fins de semana, pois o nosso objetivo não era apenas ir para Israel, mas também nos afastar das cidades. Desde o começo da participação no movimento, submetíamos-nos a toda uma série de tarefas e programas com o intuito de desenvolver aptidões rurais. Assim, para os pais, neste fim de semana também os jovens deveriam estar acampando, cozinhando no mato – esquisitices de jovens que sonhavam um dia quebrar pedras no deserto. Muitos pais queriam que os filhos fizessem *aliá*, mas muito poucos queriam que quebrassem pedras.

Não acatar aquela palavra de ordem naquele momento significava romper com o movimento. Algumas vozes se levantaram contra a ideia, mas não dava para levantar e ir embora. A coesão grupal de adolescentes é sempre muito forte e, alimentada com a ideologia sionista naqueles anos pós-guerra, tornava-se invencível. Sair significava ser banido, perder amizades, ideais, esperanças de futuro. Era ficar sem identidade e ser obrigado a voltar exatamente ao estilo de vida que o movimento criticava. No movimento sentíamos-nos melhores que o resto do mundo. Nós tínhamos largado a vaidade pessoal, o cigarro, a bebida, roupas e tantas outras “leviandades”. Não nos permitíamos qualquer concessão. Era uma vida ética.

Lembro-me de um rapaz, dois anos mais velho que eu, portanto um homem, grande, sábio, que, passeando pelos arredores do Morumbi (antes da urbanização, ali era um bosque), me falou muito seriamente: Mozart é música burguesa. Nós ficamos com os Bs-Bach, Beethoven e Brahms. E eu, durante muitos anos, já fora do movimento, não levei Mozart a sério só porque o Sigue (Evyatar Friesel) tinha dito. A nossa hierarquia nos parecia de livre escolha, portanto ninguém se rebelava contra ela. Só se liam livros sérios. Toda a futilidade foi banida. Lembro-me de duas moças de quem se falava mal só porque nos acampamentos elas se penteavam, tomavam banho todo dia e usavam até esta obra do diabo que é o talco. Usar talco, passar roupa ou ser leviana nos parecia a mesma coisa.

O nosso movimento era formado de pequenas células (*kvutzá**) de 8 a 10 pessoas que tinham um orientador (*madrich**) dois ou três anos mais velho, e assim por diante. Nas reuniões semanais todos os grupos tinham que se interessar por história judaica, história do movimento sionista e as ideias dos nossos grandes ideólogos⁵². Mas nós não éramos carrascos. É verdade que Israel não precisava de tantos doutores quanto o

⁵² Referência a Ber Borochov*, Berl Katznelson*, A. D. Gordon*, Nachman Syrkin*, veja no glossário.

Ocidente seria capaz de mandar para lá, mas não iríamos massacrar grandes talentos. Estes tinham que ser respeitados. E no nosso grupo existiam, de acordo com a liderança, dois talentos: Jorge Sussman, um físico que poderia continuar estudando física, e Vittorio Corinaldi, arquiteto, que podia terminar a FAU. Não sei com que medidas o talento foi medido, mas a liderança juvenil assim decidiu. Quanta pretensão em gente tão jovem! Quanta força na solidariedade grupal!

Não me lembro como foi o fim da reunião. Sei que, meses depois, sem nenhuma convicção, resolvi ou disse que tinha resolvido fazer química industrial, já que colegial era proibido. Como estava somente no terceiro ginásial, eu tinha um ano para começar a cumprir a decisão. Muitos não tiveram esse tempo. Arrancaram de si ideais, curiosidade, aceitaram a pecha de “sem talento” e fizeram cursos técnicos que em nada os interessava e que, em geral, ninguém iria exercer no futuro. Os mais velhos, que largaram a universidade, emigraram para Israel e, na minha fantasia, arrependeram-se amargamente. Alguns não tiveram forças de impor-se com as novas ideias e continuaram os estudos. Foram alguns, não muitos, e só muitos anos depois é que largantes e não largantes se reencontraram, aparentemente sem mágoa. Naquele momento, em 1951, quem saiu do movimento virou “*non person*”. Não se falava mais nele. No dia 2 de maio chorava-se na coletividade. Choravam os que acataram e choravam os que se baniram. Não se sabia bem quem traía e quem estava sendo traído.

No ano seguinte, no quarto ginásial, comecei a fazer o cursinho para o vestibular de química industrial. Antes do exame, que ia ser em fevereiro, passei um mês na *machane** cozinhando para centenas de jovens que acampavam. Terminado o mês, no trem da Sorocabana que nos trazia de Alumínio para São Paulo, senti uma dor lancinante e chorava em pé, ao vento, nos degraus do vagão. Olhava a paisagem e, como se lesse o futuro que agora conheço, dizia para mim mesma, entre lágrimas: nunca mais estarei tão ligada à natureza. E olhava para os campos que ficavam para trás. Até hoje o som da minha própria voz surda ressoa nítido na minha memória. De fato, nunca mais estive em contato com a natureza daquele jeito, planejando viver no campo.

Desde então o campo, a montanha e a praia são cenários de férias, como eu previa que ia ser. Cheguei em casa, desfiz minha mala, tomei um banho, vesti uma roupa diferente do uniforme do Dror e passei batom. Desci para a loja. O batom contou toda a história para os meus pais. Avisei o meu *madrich* e tornei-me durante muitos anos não pessoa. O primeiro e maior choque foi o encontro com um colega muito amado, que ocorreu numa tarde na cidade. Eu não trajava o nosso uniforme e estava de batom. Ele continuava no movimento fazendo curso de mecânica. Encarou-me, sem parar de andar, e disse um palavrão. Esta palavra também me ressoa no ouvido. Mais tarde Vitor largou o movimento, foi fazer física e ficou meu amigo até morrer.

Isto ocorreu num tempo em que existia militância. Já lá vão 60 anos que isto tudo ocorreu e alguns sons ressoam no meu ouvido: a minha própria voz no trem, a do Vitor, a do Sigue (Evyatar Friesel) e, muito especialmente, a do Bernardo Cymeryng (Dov Tsamir) no “Seminário da Lapa”. Foi assim que o Dror sacudiu o Bom Retiro em maio de 1950.